

Antonio Pereira da Mota Junior

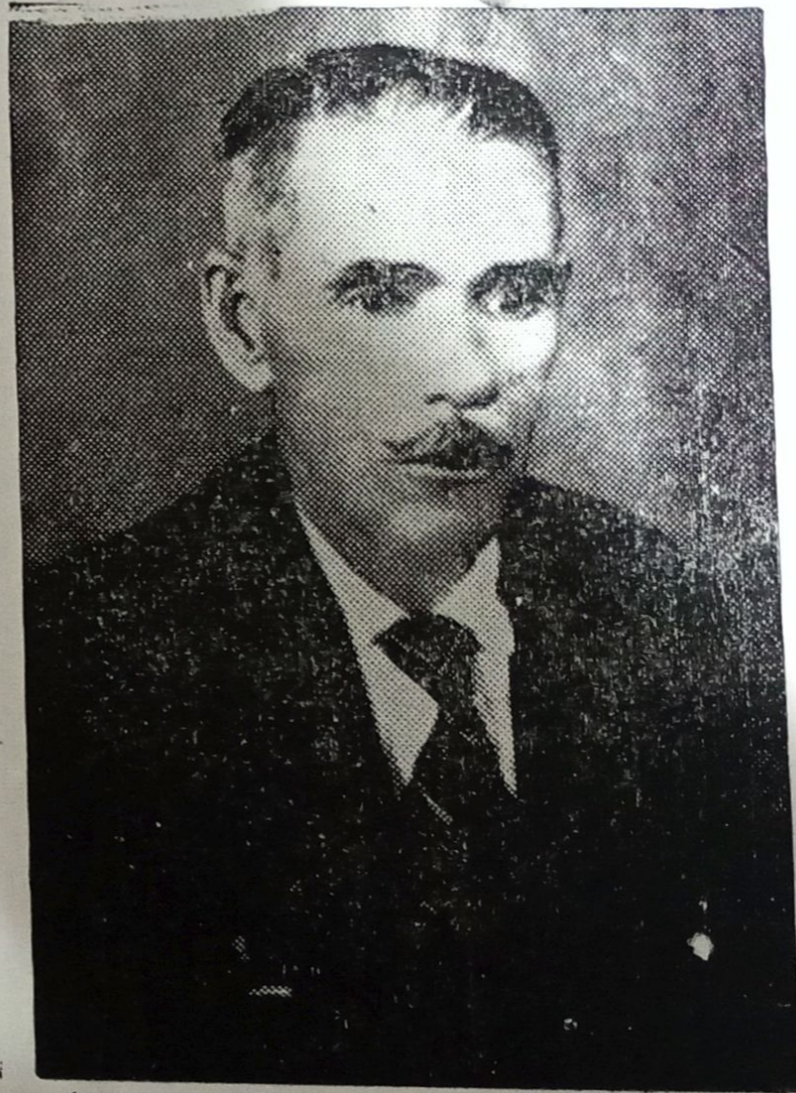
CHACINA  
QUE DEU  
NOME À  
LOCALIDADE



FOLHA DO NORTE  
FEIRA - BAHIA  
1962

*Chacina que deu*

*Nome à Localidade*



*Antonio Pereira da Mota Junior*

# Chacina que deu

## nome á Localidade

### CAPITULO I

Como nasceu As Cabeças?!

Pergunta o curioso. Não achando resposta que satisfaça a raciocinio, deixa de lado, não mais tentando investigar. Eu, no entanto, investiguei até que encontrei a ponta e o fio da complexa meada. Em 1914 conheci esta localidade—Cabeças! Cabeças de que? Ninguém sabia explicar nada. Curioso, apelei para os velhos naturais da localidade. Vários deles eram vegetativos. Só queriam viver a vida que Deus lhes deu. Contudo, continuei investigando. Um certo dia encontrei-me com um certo velho caboclo, de cabelos lisos, que sabia contar histórias do seu tempo de menino. Eis, aí! As chamas da minha curiosidade deram labaredas! Cabeças de que? ... O dito velho Saturnino—era o seu nome—passou a debulhar o conteúdo do seu raciocinio, armazenado quando criança, o que ouvira dos seus avós . . .

Ai, vái a história!:

O nome das Cabeças, gerou, fecundada pelo ódio, vindo à luz no trovejar de uma arcabuzada.

Nos idos tempos, quando imperava a lei do mais forte, era, por aqui a grande artéria de ligação da Bahia ao grande Estado de Minas Gerais. Era por essa longa via pública que vinham as grandes tropas de muares e cavalaes, escoteiros e carregados, além dos grandes boia-deiros, vindo e indo, tudo, nesse afã de tráfego, de ligação com aquele grande e produtivo Estado mineiro. Havia, aqui, neste trecho, de longa e movimentada estrada, um bifurcamento, cujo desvio ia ter ao Rio Paraguaçu, achando-se

até o presente, a dita Estrada, na Praça-Sede, deste novo município «Governador Mangabeira».

Era, então, esta região de rara habitação e de múltiplos perigos, quando os raios de certa manhã, ao levantar o manto da noite que findava, chocaram-se e estremeceram-se de espanto ao descobrir os olhos esbrugalhados, das cabeças humanas enfiadas em pontas de estacas! Era o banditismo em ação! Era a época do bacamarte traiçoeiro! Era a época das chacinas, frias, encomendadas! Ai mesmo, ao lado, no leito da via pública imperial, jaziam os corpos decapitados. O trecho, local, não tinha, até então, segundo parece, nenhuma denominação, visto que, o escabroso acontecimento figurara nos olhares assustados dos transeuntes às pontas das estacas dando o nome daqueles cofres do pensamento, ali, trancados para eternidade, pelo chumbo-quente, como legado, até o dia 14 de março, próximo passado, quando, em comemoração ao aniversário de nascimento do maior poeta das Américas—Antonio de Castro Alves—teve seu segundo batismo—sendo êste solenissimo—recebendo o nome, sublime por todos os títulos, de «Governador Mangabeira». Essa grande data foi um pensamento feliz do Industrial José Carvalho, que, por intermédio do Dr. Pedro Cone, Presidente do Instituto Bahiano do Fumo, que valendo-se da sua influencia junto ao Governador Juraci Magalhães, conseguiu a promulgação, naquele dia, revivendo, assim, aquela grande data, juntando a esta nova, que surgiu, unindo-as numa magnífica dupla, que as gerações do porvir haverão de comemorar, com orgulho.

Ficaram, assim, enterradas as Cabeças que estavam insepultas... mas a história continua!

## CAPITULO II

Emancipação das Cabeças—*Relato Histórico*

Em 1948, como vereador, na Camara Municipal, em Muritiba, como representante deste distrito, apresentei, no dito legislativo, um projeto-lei exigindo a nomeação de um administrador distrital e ao mesmo administrador fosse entregue toda a percentagem de arrecadação a que este referido distrito tinha direito, de acôrdo com a lei vigente. Acontece, porém, que o então Vice-Presidente da Camara liderava o meu próprio partido — a U.D.N. — combateu o meu almejado projeto-lei e fez ir por «água abaixo». Contrariei-me a ponto de punho ri jo batê-lo contra a mesa, quando, energicamente, adverti-lo, dizendo: que um dia, que não estaria muito longe, as Cabeças se levantariam pela sua emancipação e ninguém lhe ousaria nega-la. Os então vereadores Carlindo Fonseca e Odulfo Fonseca achavam-se presentes, na dita Sessão. Aguardei, desde então, essa oportunidade! Passou-se aquela fase, que foi, inegavelmente, de fecunda administração. Naquela época a prefeitura comprou a área de terra na sede deste distrito e o Dr. Alberico Fraga, como um dos grandes muritibanos que sempre o foi, além de todos como benfeitor, de grandes méritos, tendo no govêrno do Dr. Otavio Mangabeira, a quem servia, como Secretario da Justiça, conseguido valiosas verbas federais, especialmente no Ministério Clemente Mariani, sendo construido o prédio escolar na dita área, com apartamento residencial, com água, com três salões de aulas e bom mobiliário, podendo funcionar seis classes, diariamente. Sendo, ainda, traçado, na linha do citado prédio escolar, um loteamento, onde, o próprio prefeito, para estimular o desenvolvimento local, comprou dois lotes, que ainda, ai, estão. Sendo, ainda, pelo mesmo eu-

genheiro que delineou, o dito loteamento feita a belíssima planta de um campo de futebol no fundo do terreno do dito prédio escolar, que, se construído seria um dos melhores campos do interior bahiano. Foram construídos ainda, neste mesmo distrito os prédios escolares, rurais nos povoados de Aldeia e Queimadas. Tudo isso acima descrito impedia e embaraçava o meu roteiro da desejada emancipação deste florescente distrito. Acontece, porém, que a política manejada ao bel-prazer dos dominadores mudou os rumos de tudo. E dois quadriênios deixaram relegados ao desprezo, não só o distrito das Cabeças, mas, também, todos os demais. Durante esses dois períodos eu não pude visar nenhuma brecha por onde entrasse a ponta de lança emancipacionista, visto não contar com nenhum poder político. Era tudo difícil! Veio o terceiro e atual período quadrienal e o desprezo dos distritos seguiu o mesmo roteiro. Eu, na minha espreita comecei a observar o espírito de revolta e catequizava, entre os descontentes a oportunidade da emancipação das Cabeças com Cabaceiras e Geolandia, cuja ideia, depois de concretizada, levaria ao conhecimento do meu valoroso chefe Dr. Alberico Fraga, onde, diante da exposição que tinha a fazer não negaria — tinha certeza disso — sua valiosa colaboração — como experimentei depois — e, por intermédio do Governador Juracy Magalhães a emancipação seria muito fácil. Antes, entretanto desse desejado entendimento eis que chega à minha residência, no dia 5 de fevereiro de 1961 os meus amigos José Carvalho, Osvaldo Fonseca e o Dr. Pedro Coue concitando-me a iniciar a campanha de propaganda de emancipação aos distritos de Cabaceiras e Geolandia os quais comporiam com as Cabeças o novo município. Achei então que aquela propaganda vinha de encontro aos meus planos, visto que, assim, da-

ria manifestação pública sem que antes tivesse levado ao conhecimento do dr. Alberico Fraga, como acima já disse. Recuzei firmemente, apesar da insistência daqueles bons amigos. Foram-se, eles, então, na dita caravana com numerosos componentes ilustres da família cabecense a Cabaceiras e Geolandia, onde, disseram-me depois tiveram boa acolhida de todos que os ouviram. Disso eu tinha certeza porque era isso mesmo que já vinha experimentando nas minhas habéis catequêsas.

### CAPITULO III

Em virtude da campanha que já se desenvolvia com o devido apoio da população procurei ter um encontro com o Dr. Alberico Fraga, no Edifício «Rio Branco» — sede da U.D.N. — pela manhã, ocasião em que transmitiria êle, o cargo de Presidente do Partido ao Dr. Rui Santos, que havia sido eleito na noite anterior. Discutimos, então, o importante assunto da nossa almejada emancipação, encontrando, da parte daquele grande filho de Muritiba todo o apoio e, além-de-tudo, a valiosíssima franquia de colaboração. Cheio de contentamento voltei, in loco, para o encaminhamento da campanha que teria, como base, para evitar-se o plebiscito, a aprovação da Câmara de Vereadores do município de Muritiba.

### CAPITULO IV

Tendo a mocidade desta próspera localidade grande anseio por um clube esportivo encontrou estímulo na pessoa do escrivão da Colônia local e, com a contribuição de todos nós, foi fundado o Clube Esportivo Cultural Independente cujas iniciais formaram o «Ceci», o qual foi inaugurado com entusiástica festa, no vasto salão, cedido garbosamente, pelo seu proprietário Vereador Malaquias Ferreira, sendo

Presidente do mesmo o citado escrivão da Coletoria local o cidadão Agnaldo Viana. Como se oferecesse aquela oportunidade um dos momentos propícios para estímulo da visada emancipação, falaram, além de outros oradores, o Dr. Pedro Cone e o humilde autor deste relato histórico. Entretanto, começou, desde então, um certo personalismo da parte de alguns dos interessados. Com o pernicioso personalismo, onde cada qual queria ser o maior, começou a contrariar minha idéia de união de força, numa grande equipe, a fim-de-que se pudesse melhor impulsionar a futura máquina administrativa municipal. Como era do meu plano valer-me da Camara de Vereadores, onde, como integrante da mesma e seu vice-presidente, em plena harmonia com todos os representantes de partidos ali atuantes, consegui, em reunião extraordinária, na qual ficou aprovada a emancipação das Cabeças juntamente com o distrito de Geolandia. Ai, já se achava fora o distrito de Cabaceiras, em virtude das controvérsias personalistas. Aprovado que foi, o meu plano de evitar o plebiscito — Cabeças com Geolandia — tínhamos que cogitar a questão dos limites. Era, para isso, necessário um mapa geotopografico do municipio de Muritiba. Fui, então, à Agência de Estatística da cidade de Muritiba, lá encontrando um amontoado de mapas, sem que, no entanto, encontrasse nenhum mapa certo. Conhecedor, como sou, de toda a vasta área, de oitocentos e oitenta quilômetros — segundo Anfilotio de Castro — «Historia e Estrela de Muritiba», pag. 2 — com todos os seus acidentes topograficos, verifiquei a necessidade de um mapa certo, capaz de nos orientar e assegurar um roteiro positivo por onde se pudesse delinear os limites do novo municipio. Em vista do exposto lancei mãos de uma folha de cartolina, traçando, no mesmo, um mapa, com seus principais acidentes — cujo mapa

tenho em mãos — traçando no mesmo os limites do nosso municipio «Governador Mangabeira», com as seguintes demarcações: — Partindo da foz do riacho da Cabocla, no Rio Paraguaçu; daí, riacho acima, até o alto das pedras — ponte da rodagem nova —; daí, em linha reta até à ponte da rodagem Muritiba-Cabeças — no riacho «Vilabuim»; daí, em linha reta até à fonte grande, da Fazenda «Joazeiro», rumando, daí, à margem do «Carro Quebrado»; — até aí o roteiro vem de Leste ao Sudoeste — voltando-se desse ponto para o Oeste, à margem das Claraibas; daí, em linha reta, para a Lagoa do Jacarezinho; daí rumando para o Norte, em linha reta, até a Lagoa do Carapina; daí para o Oesnordeste em linha reta, até a nascente do riacho do «Ajudante», descendo pelo seu curso até a foz, no Rio Paraguaçu, descendo por este até à foz do riacho da «Cabocla» onde teve inicio estes limites, sendo que desde a foz do riacho da «Cabocla» à foz do riacho do «Ajudante» limita-se com Muritiba, pelo lado Sul e Oeste e, pelo lado Norte, descendo o Rio Paraguaçu, com Santo Estevam, São Gonçalo dos Campos, Conceição de Feira e Cachoeira. Contudo, o mau personalismo, que só quer brasas para sua sardinha, precipitara as coisas e torpedeara essa orientação, transformando-as num verdadeiro «saco de gatos».

## CAPITULO V

Vou, aqui, abrir um parentese para contar uma interessante história, que aprendi, quando, ainda muito criança, com um ancião, que contava muitas histórias e, algumas, como a que vou narrar, bem significativa, especialmente, para o caso em apreço. Ei-la: — Um certo Bode, sentindo a necessidade de ter sua própria casa, foi ao centro da selva e deu começo a construção da almejada morada. Depois de ter dado bom anda-

mento à obra retirou-se para sua atividade alimentícia. Na sua ausência passou por ali uma Onça e vendo no local uma casa em construção parou, farejou, dizendo consigo mesma: vou aproveitar este começo e farei, aqui, minha morada e se o que deu este começo aparecer com desaforo farei dele um bom jantar. Nesse maquiavelismo a Onça adiantou um pouco o feitiço da construção da casa do Bode e retirou-se. Chegando o Bode e vendo os trabalhos além do que tinha deixado disse de si para si: Deus está me ajudando. Adiantou os serviços um pouco mais e retirou-se. Na ausência do Bode veio, novamente, a Onça, e, sempre no seu hediondo pensamento, levou mais adiante a dita construção e retirou-se. E, assim, foram se, mutuamente, se sucedendo até à conclusão da casa e à sua devida ocupação, pelo Bode e pela Onça. Ao depararem-se, aí, juntos, a Onça viu logo, no pobre do Bode o seu apetitoso jantar, para aquele mesmo dia ou para o dia seguinte. Acontece que o deus da Onça era o mesmo deus dos comunistas—a pança. O Bode, porém, cria em Deus Criador de Todas as Coisas, por isso, mesmo, tinha a ajuda maléfica da Onça como se fôsse ajuda de Deus. Mas, como Deus está do lado dos humildes que Nele confiam, o tire ateista da Onça saiu pela culatra!... Se não vejamo-lo: O pobre do Bode vendo que a Onça lhe visava com olhar felino, pensava no que fazer, em defesa própria, quando a Onça sentenciou:— Esta casa pertence a nós dois, temos que morar juntos e cada dia um de nós terá que trazer comida para os dois, você começou a casa e, agora, é você quem vai pôr a ração do primeiro dia; eu preciso, aqui, de muita carne!... O Bode, que pertence a classe dos trituradores, saiu pelo mato em fora pensando como se defender da sanha furibunda, faminta e devoradora da Onça. Depois de longas andanças vagando pe-

los matos eis que o Bode se depara com outra Onça, muito maior do que sua co-habitante. Essa, porém, achava-se estendida ao solo. Estava morta. O Bode, muito atento, procurou certificar-se de fato a grande bicharra estava morta. Certificou-se sim e deu meia volta e foi a procura da sua terrível sócia. Em casa, encontrou a Onça deitada, descansando, e gritou: Matei uma caça, maior do que você, mas não pude trazer. A Onça, então, muito surpresa, meio maliciosa com aquela arrogancia do Bode, disse-lhe que fosse mostrar o bicho. O Bode, então, garboso e feliz, levou a Onça de mato a dentro. No local, mostrou-lhe o Bode, a bruta da Onça morta. A Onça, tremendo, já, aí, de medo, perguntou ao Bode: Como foi que mataste esse bicho?! O Bode olhou-a de frente, encolheu as orelhas, regalou os olhos, marcou um pinote e respondeu: Foi assim!! A Onça, ao vê-lo ajustando o pulo tirou o pé da embrenhagem, com tanta rapidez, que deixou o Bode, com a cara empoeirada!...

Refletiram bem?!... Meditem de cabeça tria e bóm sensol...

## CAPITULO VI

Conforme acima dito, ficou, pelo Governador Juracy Magalhães, acertado o dia 14 de março para a devida assinatura do Ato de Promulgação do Municipio «Governador Mangabeira». Sendo o novo municipio constituido de um só distrito, como ficou acima descrito, e de escassas possibilidades propuz um congraçamento de união de forças e de vistas a fim-de-que se pudesse melhor impulsionar o pequeno municipio para o caminho do progresso e da prosperidade. Existindo, aqui, duas correntes partidárias, pouco afeiçoadas uma da outra, sendo de um lado a U.D.N. e do outro lado o P.S.D. ligado ao P.T.B., onde o congraçamento, para união de forças, seria difficil, visto existir o ran-

ço de origem histórica, hereditária e crônica, em toda a área nacional, que, por isso mesmo, nunca pode oferecer grande confiança e segurança, resolvi, então, trilhar por um caminho mais viável para o almejado conagração; criar e fundar, aqui, um diretório do Partido Libertador, com abolição dos partidos acima referidos. Com esse pensamento procurei entender-me com alguns elementos não só do meu Partido — a U.D.N. — mas, também do P.S.D. — P.T.B., com os quais fundiríamos um bloco forte, que, além de podermos imprimir forças de excelente progresso era, ainda, uma homenagem ao *grande Estadista Brasileiro*, cujo nome temos como bandeira — *O Dr. Otávio Mangabeira*. Encontrando mais apoio que resistência, entre os consultados, achei que havia viabilidade nesse meu propósito de fundar o Diretório do P.L.. Indo a Salvador, como componente da caravana, ao Palácio «Rio Branco», onde assistimos a solenidade da promulgação da independência deste novo município, tive oportunidade de transmitir essa ideia — ligeiramente, embora — ao Senador Aloísio de Carvalho Filho, que naquela ocasião achava-se presente, a fim de prestigiar a referida promulgação que trazia como bandeira o nome do seu *grande amigo* — Dr. Otávio Mangabeira. Nessa mesma ocasião levei, também, ao conhecimento do Dr. Josafá Marinho e, bem assim, à Deputada Ana Oliveira, que havia sido relatora do projeto da referida emancipação, sendo que, esta última, além de achar a ideia de grande alcance, satisfez nosso convite vindo conosco até aqui, onde, pela primeira vez, fez contato com a população desta aprazível localidade. Aqui chegando, em companhia da nossa comitiva, cortou a fita simbólica frente à grande massa popular que à frente de nossa residência aguardava nossa chegada. Dai marchamos a pé até a

Praça sede, onde, na Igreja católica, o Rvdmo. Padre Pedro Ribeiro achava-se preparado para a celebração de missa solene, em ação de graças, indo-se em seguida à casa de propriedade da viúva Atanasia Gomes Machado onde achava-se à nossa espera um excelente coquetel, acompanhado de doces e salgados, preparados com grande esmero, pela sociabilidade, distinção e iniciativa das famílias locais, onde foram todos obsequiados, com livre franquia ao público, ao grande público entusiasmado. Satisfeita essa parte do programa de recepção seguiu-se com todo o povo ao vasto salão do prédio novo — futuro cinema ou indústria — de propriedade do vereador Malaquias Cerqueira Ferreira, onde teriam ocasião de falar, como falaram vários oradores. Entretanto, para decepção minha e de muitos outros ali estava organizada a diretoria do Clube «Ceci», onde o secretário do mesmo lançou mãos do seu livro de atas para lavraturas do registro daquele conclave histórico. Tomando, aí, o Sr. Agnaldo Viana, o seu lugar de Presidente do Clube fez uma lista nominal dos oradores que ali deviam falar, passando, então, a Presidência ao padre Pedro Ribeiro — Pároco da cidade de Muritiba, indo à tribuna, onde falou e refalou, longamente, sendo aos demais, constantes da lista nominal, dada a palavra, um a um, pelo Padre Pedro Ribeiro, onde falaram, entre muitos outros oradores o Deputado Eraldo Guerra, o Dr. Pedro Cone e a Deputada Ana Oliveira. Esgotado que foi o programa de oradores inscritos o digno Padre Pedro, que é popularíssimo democrata, franqueou a palavra a quem dela quizesse fazer uso. Sendo eu omitido no dito programa inscrito pedi a palavra e, com a qual entre outras cousas lamentei a omissão, entre todos os oradores, ali, do maior feito de toda a campanha emancipacionista, que foi a Câmara de Vereadores de Muritiba, que,

na sua aprovação unanime em favor da mesma, evitando, assim, o dispendioso plebiscito que, além de tudo, podia ser problemático. Em seguida dizendo das escassas possibilidades do pequeno município concluí concitando a todos os interessados pela sorte do novo município para uma perfeita união de vistas e de forças sem a qual tudo seria difícil. Na ocasião em que falavam os oradores achava-se aí presente um reporter de «A Tarde», vindo em companhia do Snr. Agnaldo Viana, tendo batido algumas chapas fotograficas durante o curso do programa, sendo uma delas—a especialmente escolhida—publicada naquele grande vespertino, ou em cuja nota escrita figura o Snr. Agnaldo Viana como figura da campanha e achava-se o nome do Dr. Pedro Cone como «Pedro Cal do município do Conde»!...

## CAPITULO VII

Desde alguns dias antes vinha percebendo o grande interesse do Snr. Agnaldo Viana, escrivão da Coletoria local—substituto do Coletor, que se acha ausente—de ser candidato a prefeito de Governador Mangabeira. No histórico momento em que a Deputada Ana Oliveira cortava a fita simbólica, acima já reterida, esvoaçavam-se no ar, desde aí, as propagandas do nosso Agnaldo para prefeito. Alguém me informou depois ter visto o próprio Agnaldo atirando para o ar os tais boletins. No decorrer dos dias subsequentes à emancipação, o nosso amigo Viana vinha, assiduamente, à nossa residência e mantinha conosco íntimo contato, sendo ele mesmo um dos primeiros a apoiar a idéia da criação do Diretório do P.L., até que um certo dia pediu-me para lançar o seu nome como candidato a Prefeito de Governador Mangabeira. Citou, ele, o nome de certo personagem que pretendia lançar o seu nome como candida-

to àquele posto, mas . . . que ele desejava que fosse, o dito lançamento, feito por mim, dado a minha condição moral, etc. Depois de ter ouvido sua exposição ponderei-lhe o seguinte: Nós temos em condições capazes de ser candidato vários amigos, como sejam você; Antonio Martins; Malaquias Ferreira; Carlindo Fónseca; José Carvalho e, até, eu mesmo. Entretanto, em vista de pretendermos uma perfeita união de forças nós não devemos lançar assim, individualmente, nenhum desses nomes, porque, isso, pode provocar qualquer extremecimento ou descontentamento, entre os demais. Temos um meio prático para o caso dos possíveis candidatos não terem de quem se queixar. E' fazer-se da maneira seguinte: Vamos convocar os eleitores da sede e dos subúrbios para uma previa eleitoral e vamos distribuir em chapa unica ou em chapas individuais a cada eleitor para que cada um deles, em votação secreta, escolha o nome da sua preferencia, ponha na urna, de cuja apuração sairá o nome mais votado para candidato único. Com isso, não haverá queixa de ninguém contra ninguém e todos nós teremos o dever de obedecer a vontade e a preferencia da maioria e, então, todos nós, sem paixão, teremos que nos unir ao candidato que o eleitorado nos indicar. Assim não haverá razão para qualquer desarmonia. Não tendo êle—Agnaldo—opinado respeitante a essa formula, aí exposta, retirou-se não mais voltando à nossa casa. Tendo planejado a organização de uma diretoria de orientação da futura administração do novo município, começou êle—Agnaldo—opinando contra, dizendo ser a mesma desnecessária apesar de todos os demais opinarem favoravelmente. De acordo com os componentes das correntes politico-partidárias locais reunimo-nos para uma sessão prévia onde discutiríamos as vantagens

da dita diretoria, que teria o titulo de Diretoria de Planejamento e Ação. Sendo, eu, o idealizador do plano opinaram todos que eu presidisse o conclave e fizesse exposição em torno do mesmo. Na presidencia decorri sobre o roteiro a seguir-se através daquela organização, tendo o apoio de todos os presentes, com exceção, apenas, do nosso Agualdo, achando sempre, a mesma inconveniente, embora sem nunca dizer porque. De acordo com o apoio dos representantes locais ficou determinado o dia da instalação, oficialmente, da dita Diretoria. Quando achavamo-nos, ainda, na referida reunião, eis que aparece uma carta, dirigida ao Sub-Delegado Sr. Amando Alves da Silva, que, ai, se encontrava presente, solicitando a entrega de um revólver, o qual havia sido apreendido por iniciativa do representante e administrador local Sr. Antonio Martins Cerqueira, que ai, achava-se, também, presente, cuja apreensão havia sido já há vários meses passados, quando o portador da dita arma, embriagado, poz em polvorosa os habitantes desta localidade; invadindo o armazem de escolha de fumos do industrial José Carvalho, onde fez, impunemente, vários disparos, causando o atastamento de todo o pessoal que ali trabalhava, tendo o citado Industrial, por medida de prudencia, mandado fechar o seu estabelecimento, com prejuizos para firma. Houve, ainda, em outras oportunidades praticas de disturbios provocados pelo mesmo ébrio habitual, com disparos pelo meio da rua e, ainda, a invasão da casa de residencia do vereador Malaquias Ferreira, onde de revolver em punho, pondo em tremendo alvoroço toda a familia, ocasião em que foi efetuada a apreensão acima referida, da dita arma. Feita, que foi, a apreensão dessa arma o Sr. Antonio Martins Cerqueira, para livrar-se de possiveis pedidos de devolução da mesma, entregou ao

Pretor do Termo Dr. Flávio Massa, de onde o Sub-Delegado Sr. Amando Alves da Silva, já acima citado, conseguiu trazê-la para o seu poder. Discutido o caso dessa arma, pelos presentes, foi unânime fosse a mesma remetida ao Chefe da Segurança Pública, ao que esclareceu, então, o Sub-Delegado, que já tinha recebido vários outros pedidos sem que ele atendesse nenhum deles visto que o turbulento dono do dito revolver lhe devia sete mil cruzeiros (Cr\$ 7.000,00) por ele ganho... de certa feita, assim que lhe fosse paga aquela importancia lhe devolveria o comentado revolver. Ante esse esclarecimento o Sr. Carlindo Fonseca, também, industrial, ai presente, propoz se pagar a dita importancia para que a dita arma fosse remetida a Chefatura de Policia do Estado, ao que prontificou-se o Sr. José Carvalho entrar com a metade daquela importancia, cabendo três mil e quinhentos cruzeiros a cada um (Cr\$ 3.500,00) cujo total foi pago em minha presença, três dias depois. Aceita, que foi, a proposta de pagamento do dito «debito», foi-me por uma das Senhoras presentes, pedido que redigisse um memorial de protesto, em nome das mães de familias desta localidade para ser remetido juntamente àquela arma a-fim-de-que o Chefe de Policia não permitisse nunca a entrega dessa arma a tão perigoso autor de tantas tropelias. Sendo por mim aceito o pedido, foi redigido o protesto que acompanhou o revolver à Chefatura de Policia com numerosas assinaturas de mães e esposas, tranquilizando muitos corações.

## CAPITULO VIII

Conforme acerto, na sessão prévia, anteriormente, reunimo-nos para a organização definitiva da Diretoria de Planejamento e Ação no dia 2 de abril do corrente ano. Estando o vereador Malaquias Ferreira impossibilitado de

estar presente, por motivo de moléstia que o prostava de cama, onde, ao visitá-lo, informei da reunião e ao mesmo tempo consultei sua opinião a respeito da chapa nominal dos componentes da Diretoria, ao que confirmou estar de pleno acordo. Na reunião depois de ligeiros esclarecimentos em torno do caminho a seguir expuz os nomes dos componentes da Diretoria, que foram os seguintes:—Presidente o vereador Antonio Pereira da Mota Junior U.D.N., — autor da presente história—Vice-Presidente Agnaldo Viana—Coletor substituto, local; primeiro secretario D. Angelita Fonseca — professora aposentada; segundo secretario Orlando Rocha—industrial; tesoureiro Antonio Martins Cerqueira—U.D.N. — comerciante;—membros: vereador Manoel Machado Pedreira—P.S.D.; vereador Malaquias Cerqueira Ferreira — P.S.D.; Norberto Pereira de Andrade — agricultor e Carlindo Fonseca Gesteira — industrial. Conforme se vê, era a Diretoria composta de nove (9) nomes. Na Presidência, como havia sido na sessão previa, como já foi acima dito, depois de ventilar as finalidades daquela organização puz a prova dos presentes a chapa acima constituida, em votação simbólica: os que estivessem de acordo com a mesma permanecessem sentados e os que desaprovassem-na se levantassem, levantando-se apenas, os Snrs. Agnaldo Viana e Orlando Rocha. Depois de constatada a aprovação da dita chapa eis que a primeira secretária D. Angelita Fonseca levantou uma questão de ordem, pedindo a sua substituição, visto ter outras occupaões que lhe dificultaria o bom desempenho daquela missão. Em virtude desse esclarecimento da primeira secretária solicitei para occupaão do cargo em apreço a esposa do industrial José Carvalho, cujo casal achava-se, aí, presente, a qual, delicadamente, de pé, descreveu dos motivos que lhe impedia

àquella meritoria função visto que além das suas funções domésticas de esposa e mãe, já presidia o Asilo «D. Eduardo», pelo qual tinha grandes responsabilidades. Diante do que ficou aí exposto, apelei para que as duas respeitaveis senhoras apresentassem uma pessoa que pudesse preencher aquella lacuna, como fosse a esposa do nosso amigo José Edvaldo Pereira, que ali se achava entre elas, ou outra. Nesse interim o industrial Orlando Rocha, que permanecia de pé, afirmou que durante a campanha de emancipação do municipio Governador Mangabeira não havia figurado nenhuma mulher e que ali, também, não se devia permitir, ao que tomando a palavra o Snr. Agnaldo Viana dizia-se de acordo com aquella opinião do Snr. Orlando Rocha. Nesse mesmo momento o vereador Manoel Machado Pedreira apresentou uma outra chapa encabeçada com os seguintes nomes: o Sub-Delegado Amando Alves da Silva —Presidente; o Coletor substituto Agnaldo Viana — Vice-Presidente; o escrivão de Paz e do Registro Civil José Edvaldo Pereira primeiro secretario; o industrial Orlando Rocha segundo secretario; etc.. Enquanto eu examinava essa última chapa o Snr. Agnaldo Viana de frente voltada para o alto gesticulava qualquer coisa que não sabemos. Achando-se defrente o Snr. Antonio Martins Cerqueira, presenciando de frente a dita gesticulação e vendo, ainda, um outro, que por traz de mim fazia caretas e macaquices, retirou-se protestando, dizendo que estavam transformando aquella reunião civica numa verdadeira molequeira. Nesse interim, o Snr. Agnaldo Viana, aproveitando-se daquela quase confusão apanhou a dita ultima chapa, lançou, como já, anteriormente, eu havia feito, com a primeira, que foi aprovada, havendo somente o impasse na recusa da primeira Secretaria, pondo-a, também, a apro-

vação simbólica, onde dado a confusão acima descrita ninguém se levantou, dando-a como aprovada. O industrial José Carvalho levantou-se juntamente com sua esposa e protestando contra a indignidade de tais manobras, disse que vinha desde o primeiro dia participando ativamente, ao lado dos que lutavam pela emancipação deste novo município, não porque quizesse exercer qualquer cargo, mas, porque aqui vivia e aqui ganhava a vida com sua industria e comércio de fumo, onde dava, além de tudo, a ganhar a muita gente da localidade. Por tudo isso achava-se também lutando, lado a lado, com o único interesse de cooperar a bem do crescimento e da prosperidade desta terra. Entretanto, a reunião que se vinha pregando se transformava no que aqui estamos assistindo e, porisso, se afastava de tudo, cuidando, apenas, dos seus interesses particulares, retirando-se. Depois de ter assistido as palavras do Sr. José Carvalho e sua retirada, afastei-me, também, dizendo que continuaria de pés firmes para examinar e criticar os manobristas. No dia seguinte tive conhecimento de que foi, no livro de atas do «Ceci», lavrada a ata de instalação da diretoria segunda. Dias depois era avizado pelo Sr. Agnaldo que, tendo Êle — Agnaldo — convidado os Deputados Eraldo Guerra e Juracy Junior para cuidar de vários assuntos de interesse do novo município era necessária a minha presença, para, juntamente com êle — Agnaldo — recebe-los à tarde de segunda-feira, dia 9 de abril, ao que lhe respondi: Nada tenho a ver com o seu convite e não tenho porque estar presente. . . No dia aprazado recebi do Sub-Delegado Amando Alves da Silva um bilhete dizendo que os Deputados já haviam chegado e estavam à minha espera. Não atendi. Não fui lá. . . Eles -- Agnaldo, Amando Alves e Manoel Machado -- dis-

tribuiram convites pessoais e por escrito a todo o povo para que estivesse presente àquela recepção que lhes prestigiariam grandemente, na qual, entretanto, tudo falhou. Um moço que lá esteve, a meu pedido, para trazer-me informações seguras do desenrolar do conclave, disse que foi verdadeira decepção. Na leitura da ata alguém presente aparteu para apontar a ilegalidade da mesma, e de como se originou... sendo reprovado por um dos componentes da pequena grei, com termos descortezes, ante a presença daqueles ilustres Deputados, os quais teriam levado a pior das impressões deste pobre município, que tendo nascido tão festivamente, apoiado numa bandeira tão brilhante, da *Democracia Brasileira — Governador Mangabeira* — acha-se já, tão cedo, às garras do personalismo, que só vê diante de si o bem próprio, que é bem próprio do autoritarismo esquerdista!...

## CAPITULO IX

No dia 25 de março houve na Igreja Evangélica Presbiteriana local um *Culto em Ação de Graças* pela emancipação de Governador Mangabeira, para onde se reuniram todos os representantes social e politico além dos vereadores Antonio Pereira da Mota Junior, autor deste relato histórico; Malaquias Ferreira; Manoel Machado e, ainda, os representantes do comércio e da industria que, ao lado de enorme apoteose assistiram àquela solenidade religiosa, sendo seus pregadores os Drs. Rodger Paker; Sebastião Gomes e o grande orador sacro Basilio Catalá de Castro que empolgou a todos, especialmente pelos principios de união empregados em suas palavras, nas quais o amor e a solidariedade humanas e cristãs revelavam o todo de sua personalidade. Se fundamentassemos nesses principios o caso da nossa organização municipal seria de grande proveito e seríamos,

como benfeitor, lembrados pela posteridade. União de vistas e de forças, com solidariedade, sem paixões e sem rancores seriam os grandes fundamentos do nosso novo município, que marcharia para o alto. Mas . . . aquela sábia pregação não foi escutada por todos. Foi-na, no entanto, escutada por muitos que, ainda, até hoje não se esqueceram e ficaram desejosos de pô-la em pratica em favor do bem coletivo, o que não seria difícil se de modo geral e sem exceção houvesse esse profundo sentimento de humanidade: todos por um e um por todos! Para alguns foi pregação no deserto. Foi a cana agitada pelo vento de que se refere João Batista. O personalismo surdo não quer união. O personalismo só vê a si próprio! . . .

Sete de outubro vem aí, medite bem o eleitorado de Governador Mangabeira. O voto é a arma suprema do povo! Pensem bem meus caros eleitores. Nas cabines indevassáveis há toda oportunidade de escolher, livremente. Da tua consciencia depende a sorte da tua terra, da tua própria sorte e da sorte da tua família!...

Essa é a nossa sensata advertência!...

## CAPITULO X

### *Outras Notas*

Desde que conheci esta localidade, em 1914, assisti, aqui, como em toda esta vastidão de oitocentos e oitenta quilômetros que devera constituido o município de Muritiba, conforme já descrito acima, viviam os seus habitantes quase que completamente entregues a duas tremendas pragas—o analfabetismo e a malária. O obituário era calamitoso! Os cemiterios precisavam, quase sempre, de mais espaço, em virtude do obituário, assustador, em crescimento. A mortalidade infantil, causava profunda tristeza! Os camponeses, além de envoltar no capotão negro do analfabetismo, viviam em grande parte, ataca-

dos de amarelão. A verminose invadia os lares e dizimava as familias. A pobreza era imensa. O desprezo por parte do poder público era a causa da maior desgraça! Assistindo toda esta infelicidade comecei a pensar que, como brasileiro patriota, devia fazer alguma cousa ao meu alcance, em favor deste povo soffredor e do bem coletivo. Disponha de escassos principios culturais. Natural do distrito de Outeiro Redondo, minha terra natal, filho de camponês pobre, aos 10 anos de idade era, ainda, analfabeto, quando satisfiz o meu grande anseio, entrando para a escola, no segundo periodo de 1909 na sede daquele grande distrito, distante de nossa casa cerca de 10 quilômetros. Tive, durante esse fim do ano muitas falhas de semanas, por torça de trabalhos, que exigiam minha participação. Porisso, meus caros leitores, ficou todo o meu tempo de escola reduzido a uns três meses! Apesar dessa falta de instrução tornei-me sensível ao sofrimentos alheio. Comecei a vê e sentir que os politicos, em grande parte, deixavam de lado o bem coletivo do nosso povo e preparavam o corrosivo destruidor da grandeza natural de que é portadora a nossa grande Patria. Irrequieto, como sempre o fui, não só pela minha formação moral e física, mas, também, pelo meu sentimento de humanidade, ligada a um temperamento capaz de resistência, comecei, através de um grande estorço, em 1930, a rabiscar a expressão deste meu sentimento, pelas colunas da imprensa. Fiz, desde então, ecoar, pelos quadrantes alcançados pelos varios periódicos desta região interiorana a grande pugna pelo bem e pela defesa dos oprimidos. Senti que o meu dever de humanidade e patriotismo exigia minha participação da luta, combatendo o bom combate—Biblico—pelo bem da coletividade, que é, consequentemente, o bem da nossa grande Patria. Os dois grandes males de que acima me re-

feri — analfabetismo e malaria — eram os dois alvos por mim vizados. Vendo, depois, que devia aliar essa teoria à prática, isto é: juntar a imprensa e a tribuna popular ao trabalho positivo, criando, em 1940, a Escola «Bom Sucesso», que durante 17 anos prestou serviços de inestimável proveito, alfabetizando durante esse período, a mais de quinhentas pessoas, dentre as quais há varios deles que, hoje, são portadores de diplomas de cursos superiores e exercem cargos de responsabilidade, por vários setores da atividade brasileira. Essa escola «Bom Sucesso», que tanto bem há feito a esta parte da nossa população, foi por mim criada, mas, para sua manutenção, pude contar com o patriotismo, o esforço e a boa vontade dos meus grandes amigos Norberto Pereira de Andrade, Jovino Pereira da Mota e Antonio Mota Sobrinho. Com os quais formamos quatro esteios com o que pudemos, não sem grande sacrifício economico e financeiro, sustentar a benemerita Escola durante o período acima referido—17 anos! A outra praga a combater—a malaria—era outra luta bem mais difícil. A pratica positiva era quase impossivel. Mas não cruzei os braços. Na luta pela sobrevivência da Escola «Bom Sucesso» tive oportunidade de me corresponder com o Presidente da Cruzada Nacional de Educação — Dr. Gustavo Ambrust — com quem, além de conseguir farto material didatico, para alunos pobres, consegui, ainda, por em funcionamento uma escola em Cabaceiras, onde, uma enorme população não dispunha de nenhum meio de alfabetização, apesar de ter sido, ali, o berço do grande vate, que transpoz as fronteiras brasileiras nos raios luminosos de suas poesias—Antonio de Castro Alves. Lutei, ao mesmo tempo, pela reconstrução da casa em que nasceu o grande poeta, nos mesmos moldes que ela foi, instalando-se na mesma uma escola con-

digna, para o povo daquela populosa vila. Nessa mesma ocasião fui procurado pelos Snrs. Firmo Gomes e Reinaldo Gomes para pedirem a minha interferencia para criação de uma escola no povoado da «Caatinga Sêca», onde viviam. Atendendo àquela solicitação, fui a dita localidade e pude observar quão denso era, ali, o analfabetismo. Fotografei um bloco de 72 crianças, em idade escolar e, bem assim o prédio, por eles cedido, para funcionamento da escola e vista, também, da rua principal da localidade. Depois de ter lavrado o memorial que dirigia juntamente com as fotografias, convidei os numerosos pais de familia que ali se achavam presentes para assinar no dito memorial, quando verifiquei com tristeza que entre toda aquela população ninguém sabia ler nem escrever o próprio nome, com excessão dos irmãos Firmo Gomes e Renaldo Gomes. Deante do que, fiz no memorial, um pos-escrito, lamentando o que ali havia constatação. Era, nessa época, o Dr. Aristides Novis o Secretario de Educação deste Estado, que levando em conta os esclarecimentos no mesmo contido e não havendo verba para criação de novas escolas transferiu uma escola de «Terra Seca, no municipio de Lage para Caatinga Sêca, no municipio de Muritiba», juntamente com a sua titular professora Valquiria Ribeiro. Através, ainda, do Dr. Gustavo Ambrust, Presidente da Cruzada Nacional de Educação, comecei a lutar pela criação de um posto médico nesta localidade. Entretanto, meus caros leitores, o corrosivo destruidor do bem coletivo — a politicalha — era atirado contra mim!! . . . Assim é que os representantes do poder instituido na «polaquinha faroista» de 37, poz no meu costado à policia, afim-de-que essa minha atividade fosse totalmente destruida. Eu, no entanto resisti à barreiral Fui preso e processado! O meu «crime» era imenso! Combatia

ao mesmo tempo quatro pragas:— o analfabetismo; a malária; o nazi-fascismo e o comunismo! Era, portanto necessário essa «punição» — cadeia!! A Justiça contudo, pelo menos neste termo e Comarca, não estava minada pela virulência dos poderosos patriopanças, e, porisso, absolvi-me, assegurando minha liberdade. Em vista de tais perseguições ficou a meio caminho a criação do posto médico nesta localidade, até que em 1945, com a mudança do regime entrei, novamente em atividade. Em 1946, com o grande bahiano Dr. Clemente Mariani no Ministério da Educação e Saúde, no governo Dutra, que foi um bom governo, que não teve sorriso de boa fé, de Getúlio Vargas, que o levou ao suicídio, nem a risada teatral de Jucelino Kubtscheck, que levou ao País, à inflação galopante. Podemos dar andamento a criação do Posto Médico, nesta localidade. Sendo, porém, por determinação do Dr. Alberico Fraga, instalado na cidade de Muritiba. Contudo foi providencial. A malária está praticamente extinta, nesta localidade.

### Coletoria das Cabeças

Verificando, em 1948, a necessidade de uma Coletoria neste distrito, procurei, por intermédio do Dr. Alberico Fraga, cuidar da criação da mesma. Criada, que foi, teve como seu primeiro Coletor o Sr. Cesar Pitanga, que era, até aí, escrivão da Coletoria de Muritiba. Tendo o novo Coletor instalado a dita exatoria lá mesmo, na cidade de Muritiba, protestei contra aquela falta, levando ao conhecimento do Secretário da Fazenda, visto que a referida Coletoria tinha que funcionar na sede desta localidade, como foi previsto. O Sr. Cesar Pitanga, que era meu amigo pessoal, veio, então, à nossa casa onde expoz sua situação, dizendo ter família numerosa, além de uma irmã e sua velha mãe doen-

te e, além de tudo sua casa tinha um pomar com muitas fruteiras as quais se puzesse no aluguel teria enormes prejuizos. Se funcionasse aqui, morando lá, o seu ordenado seria todo consumido em transportes, de cada dia. Disse-me, ainda, que os contribuintes, mesmo os daqui, da sede, não deixariam de reconhecer essa sua situação e aguardariam mais um pouco até que êle—Coletor—providenciasse os meios mais condizentes para sua muda definitiva para aqui. Diante de tais explicações foi o nosso Cesar Pitanga ficando lá mesmo, na cidade de Muritiba. Acontece, porém, que as eleições de dezembro de 49 impoz-nos a derrota e o nosso amigo Cesar Pitanga foi arremassado para o extremo Sul do Estado, pela via da politicalha, que sempre condenei. Vaga, que foi, a dita Coletoria, o então Prefeito, pessedista, nomeiou o Sr. João Eloi da Costa, como Coletor e o Sr. Agnaldo Viana como escrivão, visto serem os mesmos seus correligionários políticos. Como dantes, continuou funcionando a dita Coletoria no mesmo local, na cidade de Muritiba. Depois de dois quadriênios em dominio pessedista eis que vem, aí, também, sua derrota. Já, aí, era o Sr. João Eloi da Costa Fiscal das rendas do Estado e o Sr. Agnaldo Viana Coletor, e um moço daquela mesma cidade de Muritiba, a qual nos não lembramos o nome, o seu escrivão. Quando, então, procurei o Dr. Aliomar Baleeiro, Secretário da Fazenda, a quem informei que a Coletoria das Cabeças a quase dez anos funcionava na cidade de Muritiba, com prejuizos para os seus contribuintes, no que atendeu, imediatamente, mandando que a mesma se instalasse no local a que foi destinada. Sendo, nessa ocasião, nomeiado o Sr. Horacio Farias, como seu titular e o Sr. Agnaldo Viana voltou ao seu lugar de escrivão.

## CAPITULO XI Cooperativa Agrícola Vida Camponesa

Vendo a condição de desprezo em que vivemos, nós, os camponeses desta região, sem nenhuma organização de classe procurei organizar nesta localidade uma Cooperativa Agrícola, a fim de que pudéssemos, como entidade de classe, exigir dos governos Estadual e Federal melhor meio de amparo às nossas atividades. Com esse pensamento fui, então, ao Departamento de Cooperativismo do Estado. Lá, depois de adquirir materiais instrutivos e o plano estatutário, procurei entender-me com o Dr. Lemá Palmeira, seu Diretor, a fim de receber melhor instrução para a devida instalação, a qual pretendia sediá-la nesta vila das Cabeças, quando aquele titular fez-me ver que a Cooperativa devia ser instalada na sede do município, na cidade, portanto, de Marituba. Tendo em vista essa explicação e pretendendo prestar esse melhoramento a esta localidade, onde vivo e exerço minha atividade de pequeno agricultor, para manutenção e subsistência da família que Deus me confiou resolvi aguardar a oportunidade que agora se faz com a emancipação das Cabeças, que hoje, é, já, batizada com o nome másculo de Governador Mangabeira. E, portanto, agora, chegado o momento! Se o personalismo desorganizador, não comprometê-la; se não aparecer algum líder por posição para entravá-la com suas ambições de mando tudo será fácil. Vamos experimentar!...

### BANCO DO BRASIL

Acompanhando de perto e vendo a maneira pela qual vinha se processando a Carteira de Crédito Agrícola e Industrial do Banco do Brasil, com uma burocracia desgraçadamente

prejudicial aos agricultores, especialmente aos pequenos produtores rurícolas desta região onde se produzem as melhores lavouras do Brasil, quis o Brasil, então, ao mesmo tempo, que fôssemos eleito o maior de todos os Federais da República Brasileira—País Quatro—procurei comunicar ao grande chefe de todos os times nacionais através do telegrama seguinte: Agricultores rurícolas das municipalidades de Marituba, Cruz das Almas, Bopetum, Comendado de Almeida, São Felix, Cediceira, Comendado de Feira e São Gregório das Compas, de onde se originam as melhores lavouras brasileiras estão delegados ao desporto, por parte das potências pilares e exploradas pela burocracia do Banco do Brasil. Por isso, apela por intervenção e liberdade honestidade de consciência ao sentido salvaguardar nossa economia desgraçadamente sacrificada, pedindo quase a morte para extinguição dos monopólios que comercializam produtos. Atenciosamente confirmamos nossa confiança. Fix, ainda, circular pelas principais agências de imprensa e estações de rádio do País para que chegassem, de modo geral, os sentimentos das demais autoridades brasileiras face a esse sacrifício. Como foi, durante os sete meses de governo, experimentado por todo o povo brasileiro, suas providências não se fez esperar. O telegrama foi imediatamente enviado e a melhora do processamento da Carteira Carteira favoreceu grandemente aos agricultores, de modo geral.

## CAPITULO XII

### Instrução

Desde antigos tempos esta districto possuía três escolas estaduais, duas na sede. Em 1948 conseguiu, por intermédio do grande Maritubano Dr. Alberto Fraga, então Secretário de Instrução e Justiça, ao governo Mangabeira,

## CAPITULO XI

*Cooperativa Agrícola*

### Vida Camponesa

Vendo a condição de desprezo em que vivemos, nós, os camponeses desta região, sem nenhuma organização de classe procurei organizar nesta localidade uma Cooperativa Agrícola, a-fim-de que pudéssemos, como entidade de classe, exigir dos governos Estadual e Federal melhor meio de amparo às nossas atividades. Com esse pensamento fui, então, ao Departamento de Cooperativismo do Estado. Lá, depois de adquirir materiais instrutivos e o plano estatutário, procurei entender-me com o Dr. Lemã Palmeira, seu Diretor, a fim-de receber melhor instrução para a devida instalação, a qual pretendia sediá-la nesta vila das Cabeças, quando aquele titular fez-me ver que a Cooperativa devia ser instalada na sede do município; na cidade, portanto, de Muritiba. Tendo em vista essa explicação e pretendendo prestar esse melhoramento a esta localidade, onde vivo e exerço minha atividade de pequeno agricultor, para manutenção e subsistência da família que Deus me confiou resolvi aguardar a oportunidade que agora se faz com a emancipação das Cabeças, que hoje, é, já, batizada com o nome másculo de Governador Mangabeira. E', portanto, agora, chegou o momento! Se o personalismo desorganizador, não comprometê-la; se não aparecer algum líderador postiço para entravá-la com suas ambições de mando tudo será fácil. Vamos experimentar! . . .

### BANCO DO BRASIL

Acompanhando de perto e vendo a maneira pela qual vinha se processando a Carteira de Crédito Agrícola e Industrial do Banco do Brasil, com uma burocracia desgraçadamente

prejudicial aos agricultores, especialmente aos pequenos produtores fumageiros desta região onde se produzem os melhores fumos da Bahia, quiçá do Brasil, vendo, ao mesmo tempo, que tínhamos eleito o maior de todos os Presidentes da Republica Brasileira—Jânio Quadros— procurei denunciar ao grande chefe da Nação as ditas mazelas através do telegrama seguinte: Agricultores fumageiros dos municípios de Muritiba, Cruz das Almas, Sapeassu, Conceição do Almeida, São Felix, Cachoeira, Conceição de Feira e São Gonçalo dos Campos, de onde se originam os melhores fumos brasileiros estão relegados ao desprezo, por parte dos poderes públicos e explorados pela burocracia do Banco do Brasil. Porisso, apela patriotismo e ilibada honestidade de vossencia no sentido salvar nossa economia desgraçadamente sacrificada, reduzida quase miséria para enriquecimento dos monopolistas que comerciam produtos. Atenciosamente confirmamos nossa confiança. Fiz, ainda, circular pelos principais órgãos de imprensa e estações de radios do País para que chegasse, de modo geral, ao conhecimento das demais autoridades brasileiras esse nosso sofrimento. Como foi, durante os seus sete meses de governo, experimentado por todo o povo brasileiro, suas providências não se fez esperar. O telegrama foi imediatamente atendido e a melhora do processamento da carteira favoreceu grandemente aos agricultores, de modo geral.

## CAPITULO XII

*Instrução*

Desde antigos tempos este distrito possuía três escolas estaduais, tôdas na sede. Em 1948 consegui, por intermédio do grande Muritibano Dr. Alberico Fraga, então Secretário do Interior e Justiça, no governo Mangabeira,

cinco escolas Estaduais, que foram distribuídas entre os vários povoados do vasto município, da maneira seguinte: uma para o «Bom Jardim»; duas para o «Gravatá» uma das quais para o Prédio Rural novo, construído com verba Federal, como foram vários outros, em todo o município, sendo este numa área doada por meu pai, na Fazenda Bouqueirão, de sua propriedade; outra em casa particular, de propriedade, de Alfredo Alves Moutinho; a quarta para a «Cocão», exercida, então, pela Professora Irbene Lemos Machado, na Fazenda Joazeiro e a última das cinco para Encruzilha do «Torto». Como Vereador, naquele mesmo ano, consegui, com aprovação unânime da Câmara Municipal, a criação, também, de mais cinco escolas, que seriam pagas pelo município, incluindo-se entre as mesmas a que demos o nome do Escritor Muritibano Anfilotio de Castro, sendo as quatro restantes distribuídas pelas zonas do interior, a critério do Prefeito. Em 1949, por intermédio do mesmo Dr. Alberico Fraga consegui, outra vez, mais quatro escolas Estaduais, que funcionariam em 1950, nos lugares seguintes: uma na sede desta vila das Cabeças; a segunda na Fazenda Bananeiras, de propriedade de Osvaldo Coutinho; a terceira em Laranjeiras e quarta em Quixabeiras. De igual modo criei mais cinco municipais, que, como da vez primeira, contei com o apóio unânime da Câmara de Vereadores, incluindo, então, entre estas a nomeação da Professora da Escola «Bom Sucesso», que seria, desde aí, por diante paga pelo município, afim de descansar os seus mantenedores, chefiados pelo humilde autor do presente trabalho. Entretanto, nem as quatro estaduais nem as cinco municipais chegaram a funcionar! E', lamentavelmente a dura verdade! Causa:— Nas eleições de Dezembro de 49, mesmo ano, fomos derrotados e o novo Prefeito

que assumiu as redeas do município poz tôdas as nove por agua-abaixo. De então, começou uma grande crise de alfabetização, a tal ponto, que na sede desta vila ficou reduzida a uma única escola estadual, exercida pela Professora Zulmira Cardoso. Tudo isso em consequência dos agentes corrosivos da politicalha [atuante], então, em todo o município. No govêrno Antonio Balbino, em 1957, com o então Secretario da Educação, Professor Aloisio Short, consegui, para esta vila, duas escolas estaduais, sendo imediatamente nomeadas suas titulares e postas em funcionamento. Tive, ainda, oportunidade para conseguir, com o mesmo Secretário, na mesma ocasião, nomeações de seis professoras leigas para os seguintes lugares: Antonieta Albergaria Mota, para o Retiro—Fazenda Mangabeira; Ester Pereira da Mota, para a Escola «Bom Sucesso»; Maria José, para Laranjeiras. Tendo, posteriormente, levado à Secretaria de Educação os nomes de Dalva Dias e Helita Mascarenhas, que funcionariam no Prédio Rural das Queimadas e Valzemira Cardoso, para o lugar denominado «Bruco», cujas nomeações tendo saído com grande atraso, não mais funcionou a escola do Bruco, visto que a Srta. Valzemira Cardoso, já não mais quiz assumir visto achar-se empregada em Cruz das Almas. No atual govêrno, com o Secretário Wilson Lins, indiquei os nomes de duas leigas: Janete Mota, para lecionar na Fazenda Cocão do Cipoal e Adalgisa Cunha Pereira, para lecionar no Cipoal do Rocha, cujas nomeações saíam como professoras auxiliares, tendo a Delegada Escolar, da cidade de Muritiba, se recusado da posse visto serem as mesmas leigas. A Srta. Janete Mota, deu aulas, ainda alguns meses, sem ordenado, e a Srta. Adalgisa Cunha Pereira, mandei que continuasse por minha conta, prometendo-lhe que se o estado não pagasse exigiria o seu pa-

gamento pela Prefeitura e se não conseguisse com esta, lhe pagaria com os meus próprios recursos. Felizmente, já no fim do ano de 1961, consegui, através de um requerimento à mesa da Camara, com aprovação unânime, autorização, para que a Prefeitura lhe pagasse a importância de (cr\$12 000,00) doze mil cruzeiros, cuja importância acha-se ainda, na tesouraria, até o momento em que redijo este Relato Histórico. No ano corrente já consegui mais três escolas municipais com as nomeações das seguintes Srtas:—Noralice Mota para o Portão — Escola «Bom Sucesso» --; Leticia Santos Oliveira, para o Cipoal do Rocha e Noelice Pereira da Mota, para a Fazenda Boqueirão no Gravatá. Neste meu plano de combate ao analfabetismo tenho, sempre, o apoio unânime dos meus bons colegas vereadores da Camara Municipal da velha Munitiba. Teria, ainda, muitos detalhes a comentar, mas o tempo é curto e tenho que terminar. Noutra oportunidade darei, numa segunda edição, se Deus me permitir, uma história mais completa.

Não vai, aqui, um trabalho perfeito como era necessário que fosse. Mas, pelo mesmo, vai aqui, a verdade pura e simples! . . .

Os leitores podem observar, através deste humilde trabalho, que qualquer um brasileiro, com estôrcço e boa vontade pode ir pondo sua pedrinha no pedestal da nossa grandeza, guendo bem alto o nosso pavilhão! . . .

Governador Mangabeira, 10 de maio de 1962.